

Entre o desamparo e a perfeição: notas sobre o narcisismo primário e a formação de ideal em Freud¹

Munique Gaio Filla²

¹ Este artigo é resultado parcial da pesquisa de doutorado viabilizada pelo apoio institucional e financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Processo nº 2018/09039-0.

² Doutoranda em Filosofia, Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. Linha de pesquisa: Filosofia da Psicanálise.

Com base na investigação do estado do narcisismo primário e sua relação com o estado de desamparo biológico e psíquico da criança, o presente artigo pretende desenvolver algumas reflexões sobre a formação de ideal na teoria freudiana e, de modo incipiente, sobre suas implicações para o tratamento psicanalítico, segundo é concebido pelo fundador da psicanálise. Por formação de ideal, entende-se a construção do ideal do Eu ou Eu ideal postulada na *Introdução ao narcisismo*, em 1914, termos que serão tomados como sinônimos, conforme será esclarecido. Embora discorrer sobre o ideal do Eu possa remeter o leitor de Freud ao acabamento que lhe é fornecido anos depois, em 1923, na hipótese do Supereu, apresentada em *O Eu e o Isso*, não é a intenção deste trabalho abordar o problema do ponto de vista da segunda teoria do aparelho psíquico, mas sim sob a égide do conceito de narcisismo, levando em conta que esse é o ponto de partida freudiano para sua teorização.

Para atingir esses propósitos, trilharei um percurso dividido em quatro partes. Tomarei como ponto de partida a investigação das particularidades do narcisismo originário, chamando a atenção para o fato de que o indivíduo, desde que vem ao mundo, tem impulsos urgentes que requerem o objeto externo para serem satisfeitos, tanto no campo da autoconservação quanto no da sexualidade. No segundo momento do artigo, pretendo enfatizar que a condição subjacente ao narcisismo primário é de uma dependência extrema do ser humano em relação ao outro, relacionada ao estado de desamparo por ele experimentado no início de sua vida. Por essas razões, defenderei que a suposta perfeição narcísica só pode se caracterizar por uma ilusão de autossuficiência desfrutada pelo Eu que se ama e se basta, contraposta à insuficiência que é, de fato, experimentada pela criança. Explorarei tal ponto com uma breve menção à noção lacaniana de estádio do espelho, considerando que a interpretação do narcisismo freudiano realizada por Lacan torna nítido o caráter ilusório e de ficção que a imagem totalizante do Eu possui, como forma de compensação diante do desamparo absoluto experimentado pela criança. Nesse sentido, ilumina e explicita características do Eu narcísico já presentes em Freud, da qual extrairemos os efeitos no decorrer do texto.

Na terceira parte, tratarei das concepções freudianas de ideal do Eu ou Eu ideal, justificando porque as considero intercambiáveis. A ênfase será posta em sua função de substituir o narcisismo perdido da infância, por meio da correspondência do Eu em relação ao ideal e da satisfação narcísica por ela proporcionada. Em contrapartida, mostrarei que a tentativa do Eu de se nivelar à formação de ideal intensifica o processo de recalque e que a distância entre ambos fomenta o sentimento de inferioridade do indivíduo. Diante desses impasses, proporei que a noção de desamparo seja levada às últimas consequências, por revelar que o ideal do Eu aspira retornar a um estado ilusório, falacioso, em que haveria uma completude apenas aparente. Por fim, mais

como indicação preliminar que convide a investigações futuras do que como conclusão, sustentarei, a partir de textos freudianos, que o processo psicanalítico pode assumir apenas a direção de rebaixamento do ideal do Eu daquele que procura o tratamento, já que o antigo estado de perfeição narcísica que se almeja alcançar por meio do ideal sequer existiu, ao mesmo tempo em que isso não significa que uma psicanálise deva fomentar a renúncia completa a esse ideal, já que ele pode assumir o papel de impulsionar a vida psíquica adiante.

Desmitificando o narcisismo primário

Embora o narcisismo tenha sido oficialmente introduzido por Freud no artigo dedicado a esse transtorno em 1914, o conceito começa a ser construído sob a pena do autor antes dessa data, imbricado em sua teoria da sexualidade e tendo como um de seus suportes o conceito vizinho de autoerotismo. Já em 1911, passa a ocupar um lugar permanente na teoria da libido, na medida em que compreende o momento intermediário entre a sexualidade autoerótica e o amor de objeto, a ser vivenciado por todos os indivíduos. Sob esse prisma, o narcisismo designa a situação subsequente à disposição perversa, polimorfa e autoerótica das pulsões sexuais, situação na qual as últimas se reúnem em torno de um único objeto, a saber, o próprio Eu (*Ich*), para que seja então possível investir nos objetos alheios (Freud, 1911a/1991).³ No entanto, é na *Introdução ao narcisismo* que o conceito recebe contornos mais detalhados. Pressupõe-se um investimento originário de libido no Eu, que consiste no narcisismo primário e que depois é cedido, em partes, aos objetos. Já o narcisismo secundário se edifica sobre o primeiro e tem sua origem no recolhimento de investimentos de objeto para o Eu, gerando um afastamento em relação ao mundo exterior. O protótipo desse movimento seria o delírio de grandeza nas psicoses, já que a libido recolhida das coisas e das pessoas se volta para o engrandecimento do Eu, mostrando um aumento e um esclarecimento do que acontece no narcisismo primário. De todo modo, certa quantidade de libido jamais deixa de investir no Eu, em maior ou menor grau, ainda que se volte aos objetos. Entre a libido do Eu e a libido de objeto se estabelece uma espécie de balança energética – quanto maior a quantidade disponível de uma, menor a da outra –, mas certa medida de narcisismo sempre persiste. Essa condição é ilustrada pelo autor por meio da conhecida analogia entre o Eu e o corpo da ameba que emite seus pseudópodes, com a possibilidade sempre aberta de recolhê-los, assim como aconteceria com o investimento libidinal

³ As citações de Freud foram retiradas de traduções em espanhol e em português. Ambas foram cotejadas com a edição original alemã (*Gesammelte Werke*, S. Fischer Verlag). Os termos em alemão foram reproduzidos no corpo do texto quando julgou-se necessário. Devido ao limite de páginas, nas Referências será indicada apenas as obras completas da edição original, e não a de cada um dos textos, em cada um dos volumes.

(Freud, 1914/1992). Ou, ainda, pela metáfora do Eu que é “reservatório” (*Reservoir*) de libido, lugar de onde ela parte em direção aos objetos e para onde é recolhida a partir desses (Freud, 1917a/1992, p. 131).⁴

O narcisismo primário e infantil, no entanto, precisa ser superado, já que o Eu não pode permanecer sendo seu único objeto de amor, tanto pelo fato de que sua “bela onipotência [...] se encontra confrontada com as limitações da realidade e com a resistência dos outros a se ajustar exatamente a seus desejos e suas necessidades” (Denis, 2012, p. 22) quanto porque a libido é a energia móvel por excelência, de forma que sua estagnação no Eu leva ao adoecimento psíquico. Tal superação não parece ser uma tarefa fácil, como mostra a nostalgia da satisfação desfrutada nesse estado – as pessoas que abriram mão da dimensão plena de seu próprio narcisismo em busca do amor de objeto se sentem atraídas por aquelas que são capazes de cultivar uma medida maior de narcisismo – Freud (1914/1992, p. 86) escreve: “É como se os invejássemos por conservarem um estado psíquico beatífico, uma posição libidinal intocável à qual renunciamos já faz tempo”. Entre esses que causam inveja o psicanalista situa certos animais, como os gatos, e algumas figuras, como a mulher e a criança pequena, os quais seriam capazes de preservar a onipotência de seu próprio Eu, por meio de certa inacessibilidade, como se bastassem a si mesmos e não se importassem com o outro.

Levando em conta a suposta perfeição dessa época da vida psíquica, os indivíduos procuram formas de fazer com que ela sobreviva em alguma medida: “O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e produz uma intensa aspiração a alcançá-lo de novo” (Freud, 1914/1992, p. 96). Isso se manifesta, por exemplo, na postura que os pais assumem diante do nascimento de um filho, cultuado na posição de majestade, uma vez que o próprio narcisismo infantil dos pais busca um último suspiro de vida na criança; ou ainda na vida amorosa, com a possibilidade de escolher os objetos de amor à imagem e à semelhança do sagrado Eu narcísico – amar aquilo que se é, que se foi, que se deseja ser ou a pessoa que foi uma parte de si mesmo um dia.

Essa conjuntura, somada à conservação de uma parcela de libido do Eu mesmo diante da presença do objeto, já seria indício valioso da estampa que o narcisismo imprime na ontogênese, mais como “estrutura” do que como fase passageira do desenvolvimento da libido rumo à escolha de objeto, como apontam Laplanche e Pontalis (1967/1970, p. 366) e Green (1982/1988, p. 141). Determinadas expressões escolhidas por Freud para designar

⁴ Vale mencionar que Freud oscila quanto à posição do Eu como reservatório da libido. Em *O Eu e o Isso*, texto de 1923, que inaugura a segunda tópica, atribui essa condição ao Isso; que armazenaria toda a energia pulsional, configurando o “narcisismo primário”, e investiria nos objetos; enquanto o Eu, em processo de constituição, se fortalece. Só então, depois de fortalecido, o Eu tentaria se apoderar da libido de objeto e se colocaria como objeto de amor ao Isso, no “narcisismo secundário” (Freud, 1923a/1992, p. 47). Por outro lado, em escritos posteriores, como a *Apresentação autobiográfica*, de 1925, a 32ª das *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, de 1933, e o *Compêndio de psicanálise*, de 1940, o Eu é novamente situado como o grande reservatório da libido, lugar de onde ela parte rumo aos objetos e para onde pode retornar (Freud, 1925/1992; 1933/1991; 1940/1991). No texto do *Compêndio*, especificamente, encontramos também, além dessa menção ao Eu, outra possibilidade, a saber, a de que a libido, a princípio, estaria presente no “Eu-Isso (*Ich-Es*) ainda indiferenciado” (Freud, 1940/1991, p. 147).

o narcisismo reforçam essa hipótese, tais como as encontradas nos trechos a seguir: “Reconhecemos, como o estado originário (*Urzustand*) do qual parte a vida pulsional, um amor tão grande do Eu por si mesmo...” (Freud, 1917b/2016, p. 110); a alusão a fenômenos da vida anímica que se cumprem “sobre base narcísica” (*auf narzißtischer Grundlage*) (Freud, 1917a/1992, p. 134); menções a uma “situação psíquica primordial” (*psychische Ursituation*) ou “situação fundamental” (*Grundsituation*) (Freud, 1915/2013, p. 56 e p. 49), ou ainda a uma “distribuição primordial” (*Urverteilung*) da libido no ser humano para se referir ao narcisismo (Freud, 1917a/1992, p. 130). Todos os casos corroboram a ideia de que o narcisismo atua na fundação do Eu, faz-se presente na relação deste com os objetos e é insuperável, apesar dos investimentos objetivos.⁵

Assim, o narcisismo primário ou originário – termos que considero equivalentes – pode ser tomado nesse sentido estrutural, que remete a tal condição primeira e permanente de amor ao Eu. Quanto à sua relação com o autoerotismo, guarda suas especificidades, pelo menos até o artigo de 1914, conforme revela este conhecido fragmento: “É uma suposição necessária a de que não esteja presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao Eu; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então algo tem que se acrescentar ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (Freud, 1914/1992, p. 74).

A sexualidade teria como ponto de partida a pluralidade das pulsões autoeróticas, empenhadas na busca anárquica do prazer de órgão nas mais variadas zonas erógenas do próprio corpo, antes que se forme (*gestalten*) o narcisismo. Grosso modo, é possível compreender os processos que sucedem o autoerotismo – a reunião das pulsões autoeróticas, a colocação da libido chamada narcisismo e a fundação de um Eu como unidade que possa ser investida como objeto sexual – como correlatos e, de alguma maneira, dependentes entre si. Mas a separação entre autoerotismo e narcisismo se obscurece na obra e ambos passam a se sobrepor no desenvolvimento psicosexual do indivíduo. É o que indica a seguinte passagem de *Pulsões e seus destinos*: “O Eu se encontra originalmente, bem no início da vida anímica, pulsionalmente ocupado, estando, em certa medida, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo. Denominamos essa condição de narcisismo e, tal possibilidade de obter satisfação, de autoerótica” (Freud, 1915/2013, p. 53, grifos meus). Narcisismo parece designar o estado originário do Eu investido por pulsões, no qual parte delas pode se satisfazer com o próprio corpo.

A despeito das diferenças e aproximações entre autoerotismo e narcisismo, para o propósito deste artigo, o que mais interessa é apontar para as questões derivadas desta

⁵Sobre o prefixo *-Ur*, é utilizado por Freud em outros contextos, como para se referir ao recalque primordial (*Urverdrängung*) e ao homem primordial (*Urmensch*), por designar “ancestralidade e o fato de ser o primeiro de uma linhagem; é um termo de certa solenidade mítica” (Hanns, 1996, p. 365). Já a palavra *Grund* carrega entre suas acepções as noções de solo, terreno, base e fundamento, remetendo a algo que estabelece alicerces (Cf. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/Grund/>).

investigação: é pertinente supor que a criança possa contentar a si mesma, de modo autossuficiente, em tal situação psíquica? Haveria uma mônada autoerótica/narcísica, marcada pela ausência de relação com objetos que não o próprio corpo e o Eu? Haveria a possibilidade de uma autarquia – “viver sobre si mesmo e em si mesmo” –, como diz Widlöcher (1986, p. 6), nessa configuração? Em outras palavras, trata-se de perguntar se Freud admite um estágio inicial do desenvolvimento do indivíduo no qual este se caracteriza como entidade isolada e fechada em si mesma, problema que provocou interpretações diversas entre os pós-freudianos, a ponto de incitar debates até hoje.

Denis (2012) nos fornece um panorama geral da leitura do conceito de narcisismo freudiano entre psicanalistas de diferentes escolas, no qual é possível encontrar aqueles que criticam e rejeitam a ideia de um narcisismo primário, entendido nos termos daquela mônada, e aqueles que reafirmam e defendem essa possibilidade. No primeiro grupo, situam-se nomes como os de Michel Balint, Melanie Klein, André Green e Jacques Lacan; no segundo, figuras como Béla Grunberger e Francis Pasche, o qual tenta chegar a uma espécie de meio termo, conciliando as teses do narcisismo primário e do amor de objeto primário. De minha parte, gostaria de propor o retorno ao texto de Freud, a fim de investigar a pertinência da própria pergunta, visto que o autor não parece abrir a possibilidade de enxergar o indivíduo, no início de seu desenvolvimento, como uma entidade fechada em si mesma e autossuficiente, para que seja possível concordar ou discordar a esse respeito. A aposta é a de que sequer encontramos na letra de Freud as condições para que autoerotismo e narcisismo sejam entendidos como experiências anímicas desse tipo.

Em primeiro lugar, se autoerotismo e narcisismo remetem a estados psíquicos primordiais ou originários, por causa do investimento das pulsões sexuais no próprio corpo ou no Eu enquanto objeto total, é necessário pormenorizar certas diferenças em relação ao funcionamento da libido e das funções que servem à conservação da vida. Isso será feito com a ajuda de Laplanche (1987/1992, p. 75), que se pergunta, tomando como base a sequência autoerotismo – narcisismo – escolha objetual: “Quer dizer, então, que o autoerotismo seria o primeiríssimo termo, concretamente, no desenvolvimento do indivíduo?”. A resposta é absolutamente negativa e a justificativa se encontra na teoria do apoio, explorada por Freud desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A pulsão sexual “se apoia” nas funções de autoconservação; a satisfação sexual surge, a princípio, como efeito colateral (*Nebenwirkung*) ou como ganho extra de prazer (*Lustnebensgewinn*), a partir do cumprimento de necessidades vitais, e se torna independente das últimas em um momento posterior (Freud, 1905a/1992, p. 165). De acordo com Laplanche (1987/1992, p. 75): “[...] o autoerotismo não é, portanto, absolutamente primeiro, [...] embora seja o primeiro estágio independente da sexualidade; não é o começo da relação com o mundo, mas marca o que chamamos de tempo ‘auto’, que supõe um recuo na relação com o mundo”.

Ainda com as palavras do autor, a vida sexual “destaca-se sobre o pano de fundo de uma vida ou de uma relação não sexual a ela preexistente, a vida da necessidade de que vai se separar” (Laplanche, 1987/1992, p. 76). Trata-se, como indica Monzani (2005, p. 126), de um “desvio” das pulsões sexuais em relação ao circuito biológico ou da necessidade; em outras palavras, de seu desenvolvimento como “série paralela à série biológica” ou como “suplemento”, a partir de seu apoio nas funções vitais. Freud é preciso em especificar que as pulsões de autoconservação/do Eu nunca podem prescindir do objeto situado no mundo externo, uma vez que seu objetivo é a ação específica que eliminará a tensão ocasionada por um estado de necessidade ligado à sobrevivência. As pulsões sexuais, em contrapartida, são capazes de alcançar a satisfação autoerótica, com a finalidade do prazer em si mesmo, razão pela qual não chegam tão cedo a situações de frustração e permanecem sob o domínio do princípio de prazer por muito mais tempo que o outro grupo de pulsões, criando uma relação estreita com a fantasia que persiste por toda a vida (Freud, 1911b/2010).

Essa condição, por si só, já colocaria em xeque a ideia de que autoerotismo e/ou narcisismo remetem a um estado psíquico isolado em si mesmo, uma vez que para as pulsões do Eu não está disponível a possibilidade da satisfação autoerótica; elas requerem o objeto da realidade e implicam uma relação com a alteridade, ainda que muito específica, desde a mais tenra infância. Por outro lado, ainda permaneceria viável que, em relação à vida sexual, ou mais especificamente ao seu tempo “auto”, recuperando as palavras de Laplanche, o indivíduo desconsiderasse a presença do outro e desfrutasse de autossuficiência. Isso se ignorarmos alguns trechos do texto freudiano em que se apontam as fissuras dessa suposta plenitude no campo da sexualidade, a começar por destacar o fato de Freud (1915/2013, p. 59, grifos meus) afirmar que o amor, originalmente narcísico, “advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico *uma parte* de suas moções pulsionais pela obtenção do prazer de órgão”. Essa afirmação se encontra no artigo sobre as pulsões, próxima ao trecho que diz: o Eu está “*em certa medida*, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo” (Freud, 1915/2013, p. 53, grifos meus). Como mostra a nota de rodapé subsequente a essa citação, o psicanalista não exclui a opção da satisfação autoerótica apenas para as pulsões do Eu, mas levanta restrições mesmo para as pulsões sexuais:

*Uma parte das pulsões sexuais, como sabemos, é capaz dessa satisfação autoerótica [...]. As pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente esse estado e preparam o terreno para avanços. Por certo, o estado primordial do narcisismo não poderia tomar tal caminho de desenvolvimento se todo indivíduo não passasse por um período de *desamparo* e de *cuidados*, durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por agentes externos e, com isso, detidas em seu desenvolvimento. (Freud, 1915/2013, p. 65, grifos meus e do autor).*

Ora, só uma parte das pulsões sexuais consegue se comportar de forma autoerótica, o que, a propósito, é repetido na *Conferência 26* – “*muitas pulsões sexuais*” obtêm prazer no próprio corpo – (Freud, 1917c/1991, p. 378, grifos meus), o que significa que não são todas. Isso quer dizer que há pulsões que reivindicam objetos alheios, que não sejam as partes do próprio corpo ou o Eu, desde o início do desenvolvimento, a saber, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais não autoeróticas. Como vimos, Freud (1915/2013) entende que o narcisismo originário seja perturbado por essas pulsões para as quais o autoerotismo não é uma possibilidade de satisfação e chega à conclusão de que o estado narcísico primordial só pode se estabelecer e perdurar por algum tempo porque todo indivíduo passa por um período de desamparo (*Hilflosigkeit*), no qual precisa ser cuidado por outro que satisfaça suas necessidades mais urgentes. Do contrário, seria inevitável deparar-se com a frustração e com as duras imposições da realidade. Nota-se que o cuidador da criança é o responsável por garantir a satisfação de suas pulsões que dependem de um objeto externo, de modo que se trata de uma independência do Eu em relação ao objeto que é precária, pois como diz Green (1982/1988, p. 22) “o Eu não pode nunca substituir totalmente o objeto”.

O que quero dizer é que a mônada narcísica, que tanto motiva querelas, não parece ser tão facilmente dedutível a partir das palavras de Freud, pelo menos quando nos atentamos a trechos como esses. O psicanalista parece deixar claro que há objeto exterior em cena desde o princípio, tanto para servir ao cumprimento das exigências das pulsões de autoconservação quanto para aquelas pulsões sexuais que não são capazes de se satisfazer autoeroticamente, ainda que sejam objetos de modalidades distintas, referentes aos registros da necessidade e da fantasia, respectivamente, como mostram Bocchi e Simanke (2012). Essa ressalva não pode ser ignorada, sobretudo quando nos deparamos com afirmações que sugerem o contrário, se tomadas isoladamente: por exemplo, quando Freud (1917c/1991, p. 379) diz que no estado de dormir tenta-se restabelecer o “narcisismo pleno”, no qual o Eu é suficiente para si mesmo (*sich selbst genügend*), ou comenta que o narcisismo da criança é instigante por expor sua “autossuficiência” (*Selbstgenügsamkeit*) e “inacessibilidade” (*Unzugänglichkeit*) (Freud, 1914/1992, p. 86).

A ilusão da autossuficiência diante do desamparo

A partir disso, gostaria de me deter na noção de desamparo, fundamental para compreender que, em última instância, o Eu não pode bastar a si mesmo, e para também considerar a presença da alteridade já no narcisismo primário. No *Projeto de uma psicologia*, escrito em 1895, ao se debruçar sobre a vivência de satisfação, Freud toca na questão do desamparo. Diante do aumento de estímulos endógenos, o bebê recorre, primeiramente, à alteração interna, por meio da expressão de emoções, gritos, choro e movimentos musculares.

No entanto, essa forma de eliminar a quantidade de excitação não resulta em alívio para ele, pois se faz necessária uma alteração no mundo externo pela ação específica (o alimento, no caso da fome, por exemplo), a qual o organismo humano não é capaz de realizar sem a ajuda do outro. O caminho da alteração interna é eficaz, na medida em que chama a atenção de um indivíduo experiente para o estado da criança: “Esta trilha de eliminação passa a ter, assim, a função secundária da mais alta importância de *comunicação*, e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte originária* de todos os motivos morais” (Freud, 2003/1895, p. 196, grifos do autor). Considerar a vivência do desamparo como fonte dos motivos morais significa conceder um papel indispensável à situação do bebê que, por ser desprovido de meios para se satisfazer diante da urgência de suas necessidades internas, se lança na relação com outro ser humano. Tomo emprestadas as palavras de Moura (2019, p. 120, grifo do autor) para iluminar esse quadro:

Neste *circuito*, é estabelecida uma relação entre dois seres humanos (a subjetividade em formação do bebê e a subjetividade formadora do cuidador) à luz de uma demanda que parte das exigências orgânicas mais básicas à manutenção da vida (fome, sede) para mergulhar toda essa estrutura psicofisiológica nas exigências de um vínculo de comunicação, de decifração, de acolhimento (sempre sob o fundamento da necessidade – satisfação).

Nesse sentido, a vivência do desamparo se mostra elementar na fundação das relações humanas. Além disso, influencia permanentemente a maneira pela qual o indivíduo se porta no mundo, devido a seu caráter traumático, trazido à tona na teoria freudiana da angústia, conforme ela aparece em *Inibição, sintoma e angústia*. Nesse escrito, Freud afirma que esse afeto emitido pelo Eu, tanto como fenômeno automático diante de uma situação traumática quanto como sinal deliberado diante de uma ameaça, da iminência do trauma, consiste no “produto do desamparo psíquico do bebê, que é a contrapartida evidente de seu desamparo biológico” (Freud, 1926/1992, p. 130). Como explica Green (1973/1982, p. 83): “A *Hilflosigkeit* (estado de desamparo), este desamparo psíquico da criança, é a angústia mais temível, mais temida, aquela cuja volta deve ser evitada a qualquer preço”. A capacidade do Eu de emitir a angústia como sinal que antecipa o trauma – a inundação do aparelho psíquico por um excesso de estímulos – “só se desenvolve sob os efeitos desse aguilhão” (Green, 1973/1982, p. 83). O que significa que “o estado de desamparo se torna o protótipo da situação traumática”, segundo Laplanche e Pontalis (1967/1970, p. 157).

Quanto ao fundamento biológico dessa condição, Freud (1926/1992, p. 145) o descreve ao tratar do “fator biológico” que contribui para a causação das neuroses, que consiste no

[...] prolongado desamparo e dependência da pequena criança humana. A existência intrauterina do ser humano se apresenta relativamente abreviada, comparada à da maioria dos animais; ele é trazido ao mundo menos pronto do que eles. Por isso a influência do mundo exterior

real é reforçada, a diferenciação do Eu em relação ao Isso é promovida antecipadamente, os perigos do mundo exterior têm sua importância elevada, e o valor do único objeto capaz de proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida é enormemente aumentado. Assim, este fator biológico produz as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano.

Como é possível notar, o nascimento precoce e a correlata dependência do ser humano consistem em uma marca biológica que se traduz como marca na alma do indivíduo, a ponto de determinar sua vida afetiva e sua relação com os objetos por toda a sua existência. Há um “transbordamento da individualidade” (Moura, 2019, p. 119) desencadeado pela própria condição de desamparo que, na verdade, assume um destino bem específico, já que insere o ser humano desvalido em uma relação estreita com aqueles que cuidam dele e o protegem diante dos perigos. Com efeito, entra em cena o papel de destaque ocupado pelos progenitores, ou por aqueles que exercem as funções materna e paterna. Por conseguinte, é possível notar que o pequeno ser humano já se encontra na trilha que desembocará na trama edípica, marcada tanto pelos investimentos de objeto quanto pelos processos de identificação com as figuras parentais. Nesse sentido, o próprio complexo de Édipo e o valor a ele concedido, em última instância, têm suas raízes no estado de desamparo biológico e psíquico do infante. Freud (1919/1992, pp. 257-258) é especialmente claro a esse respeito quando afirma que o

O complexo de Édipo, quer dizer, a atitude afetiva em direção à família – em sentido estrito, em direção ao pai e à mãe –, é justamente o material em cujo domínio fracassa o neurótico individual e que por isso constitui comumente o núcleo de sua neurose. Mas não deve sua significação a uma coincidência incompreensível para nós, e sim que os fatos biológicos da longa falta de independência e lenta maturação do jovem ser humano, assim como do complexo desenvolvimento de sua capacidade amorosa, se expressam nesta acentuação da relação com os pais e têm como consequência que a superação do complexo de Édipo coincida com o domínio mais apropriado sobre a herança arcaica, animal, do ser humano.

Quer dizer que aquela situação beatífica do narcisismo, aquele estado de suposta plenitude que se inscreve de um modo tão profundo e estruturante nos indivíduos, nada tem de autossuficiente. Trata-se do momento de maior dependência e de maior necessidade do cuidado do outro, que lança o ser humano no drama do romance familiar, de onde não sairá nunca mais, já que sua forma de amar não deixará de carregar as impressões dessas experiências infantis. Como afirma Florence (1984, p. 36), provavelmente “os pais foram desde o começo investidos do ‘narcisismo originário’ onde a ‘suficiência’ infantil contrasta com a miséria e a impotência de sobreviver sem a ajuda dos objetos exteriores”. Parece antes uma “ilusão de autossuficiência” – e aqui recorro a uma expressão com a qual Green

(1982/1988, p. 38) qualifica o narcisismo primário, que será frequente daqui por diante⁶ –, uma falácia de que o Eu já bastou a si mesmo, foi completo e perfeito, como um véu que, quando retirado, revela a miséria do pequeno ser que inicia sua existência sem recursos para se manter vivo na ausência da intervenção do outro.

Entre as interpretações do narcisismo primário propostas pelos pós-freudianos anteriormente mencionadas, vale a pena citar, ainda que brevemente, a noção de estádio do espelho de Jacques Lacan. Isso porque ela traz nitidez para o problema, já presente em Freud, do contraste entre a suposta completude do Eu narcísico e sua drástica precariedade. Peça chave de sua teoria do imaginário, o estádio do espelho leva às últimas consequências que a situação na qual o bebê vem ao mundo é de insuficiência, em oposição à ideia de autossuficiência do narcisismo primário, razão pela qual considero vantajoso abordá-lo para iluminar o texto freudiano.⁷ Para ir direto ao ponto, segundo Silveira (2005, p. 116), Lacan entende que, com a experiência do espelho, o bebê é conduzido “à percepção de uma unidade corporal que não encontra correspondência em sua vivência proprioceptiva”. Ao mesmo tempo em que vive uma experiência de despedaçamento em seu corpo, consequência da ausência de domínio motor sobre ele, “é levado a perceber a existência de uma unidade que lhe causa estranhamento mas que ele já é capaz de reconhecer como sua própria imagem” (Silveira. 2005, p. 116). O psicanalista francês chega a essas constatações a partir de referências diversas, situadas no campo da psicologia comparada, como as pesquisas de Baldwin, as de Köhler sobre os chimpanzés e, principalmente, os experimentos de Wallon sobre o reconhecimento, pela criança, de sua imagem no espelho.

Na famosa comunicação realizada em 1949, *O estádio do espelho como formador da função do eu*,⁸ nota-se que a atenção de Lacan se volta para o fato de o “filhote de homem”

⁶ Além disso, o termo “ilusão” se torna especialmente profícuo para retratar essa situação psíquica, se lembrarmos das palavras de Freud (1927a/1992, p. 31) em *O futuro de uma ilusão*, mais precisamente a ocasião em que diferencia “ilusão” (*Illusion*) e “erro” (*Irrtum*), chamando a atenção do leitor para a particularidade da primeira de consistir em uma crença motivada pela realização de um desejo, que não leva em conta a relação com a realidade (*Wirklichkeit*). Em seguida, também recorrerei ao termo “falácia” para me referir a esse estado anímico, mas sem perder de vista tal participação do desejo e a atitude que se trata antes de ignorar a realidade do que de se contrapor a ela.

⁷ É verdade que o leitor avisado não pode deixar de reconhecer a liberdade com a qual Lacan empreende seu “retorno a Freud” e a diferença das “linhas de força” de seu projeto teórico e daquelas que animam a teoria do pai da psicanálise (Simanke, 2002, p. 18). Naturalmente, não se pretende adentrar nas minúcias da teoria lacaniana, tampouco abarcar todo o desenvolvimento da complexa noção de estádio do espelho, mas tão somente utilizar a última para realçar concepções freudianas, tendo em vista os limites da aproximação entre ambos os autores.

⁸ A respeito da terminologia relativa ao eu, sigo a advertência de Silveira (2005) – a autora aponta que, se no período anterior a 1949, Lacan se utilizava do termo *moi* para falar do eu, neste escrito oscila entre *je* e *moi*, optando, na maioria das vezes, pelo primeiro, como aparece no próprio título; no entanto, apesar de defender que se trata do início de uma distinção que será muito fecunda na obra, entre o sujeito do inconsciente e a instância imaginária alienante, “o objeto focado nesta exposição do estádio do espelho – e isso é mais do que reiterado – é um eu que se aliena, que se constitui como sintoma, como ‘ficção irreduzível’ e que, portanto, ocupa o lugar simetricamente oposto àquilo que é chamado de verdade do sujeito” (Silveira, 2005, p. 117). Como Lacan não tinha sequer clareza a respeito da noção de inconsciente nesse período, já que encontraria apoio no estruturalismo para torná-la possível de acordo com as suas diretrizes, seria “anacronismo”, para Silveira, “querer enxergar no *je* das linhas de 1949 o sujeito do inconsciente” (Silveira, 2005, p. 117). De todo modo, para diferenciar o “eu” lacaniano, seja *je* ou *moi* no texto em francês, utilizarei a primeira letra minúscula e o termo em francês entre parênteses, ao passo que as menções ao *Ich* freudiano estão com a primeira letra maiúscula (“Eu”), como o leitor já deve ter notado.

se engajar em atividades diante da imagem que vê no espelho; agita-se, gesticula, emite sons e faz mímicas diante dela, apesar de observá-la ainda sem conseguir sustentar, por si mesmo, seu corpo na postura ereta. Isso o leva a compreender tal estágio “como uma identificação”, entendida como “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*” (Lacan, 1966/1998, p. 97, grifos do autor).⁹ Diante “de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural” (Lacan, 1966/1998, pp. 99-100), a forma total do corpo vista na imagem especular e dada como *Gestalt*, antecipa, “numa miragem” (Lacan, 1966/1998, p. 98), a maturação fisiológica inexistente. É justamente aí que o psicanalista francês localiza a gênese do eu:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu (*je*) se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (Lacan, 1966/1998, p. 97).

Essa forma primordial do eu, por sua vez, consiste no “eu (*je*) ideal” (*Ideal Ich*), que será o ponto de partida das identificações secundárias e que “situa a instância do eu (*moi*), desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado” (Lacan, 1966/1998, p. 98, grifos do autor). Para Simanke (2002, p. 311), o que Lacan quer dizer é que, diante do “profundo desamparo existencial” do bebê, a identificação com a *imago* “tem um efeito compensatório que, embora imaginário, engendra a forma primordial do eu e lança a pedra fundamental do sujeito”.

Isso posto, interessa-me destacar a ênfase concedida por Lacan à insuficiência vital, que marca a relação do homem com a natureza e que faz com que o imaginário ocupe tal lugar na constituição do sujeito. Apesar de a *Gestalt* também exercer “efeitos formadores” no animal, como mostram os exemplos da pomba e do gafanhoto trazidos pelo psicanalista na comunicação realizada em 1949, no homem há uma especificidade crucial: ele vem ao mundo prematuro e sua relação com a natureza é marcada por uma “Discórdia primordial”, como mostram os “sinais de mal-estar e falta de coordenação motora dos meses neonatais” (Lacan, 1966/1998, p. 100). Lacan descreve essa condição nos termos da “fetalização” do homem, ideia proveniente de Louis Bolk, mas creditada aos “embriologistas” em geral. Por isso, no estágio do espelho há uma precipitação “da insuficiência para a antecipação” (Lacan, 1966/1998, p. 100) e uma compensação, no registro imaginário, dessa carência da vida humana em seu princípio.

⁹ Refiro-me aqui aos *Escritos*, à data original de publicação em francês (1966) e à data de publicação da edição brasileira (1998), já que o texto da comunicação de 1949 consultado foi retirado desse livro. De todo modo, recordo que a mesma comunicação chegou a ser publicada no ano em que foi realizada pela *Revue Française de Psychanalyse*. Esta referência completa pode ser consultada nas últimas páginas dos *Escritos* (Lacan, 1966/1998, p. 931).

Lacan não remete a Freud para abordar tal insuficiência vital, e sim à embriologia, mas vimos que o fundador da psicanálise não deixa de reconhecer os fatos biológicos do nascimento precoce e dependência do bebê em relação aos cuidados do outro, que é traduzido em desamparo psíquico e marca os rumos de sua existência por toda a vida, considerando a entrada da criança nas relações humanas e, ainda, sua reação diante das situações traumáticas posteriores. Ainda assim, o psicanalista francês afirma que a doutrina psicanalítica toca no problema da “negatividade existencial” por meio do “narcisismo primário”, pelo qual “designa o investimento libidinal próprio desse momento” (Lacan, 1966/1998, p. 102). Esse reconhecimento de Lacan, de que o narcisismo primário freudiano tangencia a questão da negatividade existencial, traz nitidez para o que já foi levantado até aqui acerca desse estado, quando entendido à luz do desamparo biológico e psíquico da criança.

A despeito das lacunas dessa incursão pelo estágio do espelho lacaniano, cabe apenas acrescentar que não se trata apenas de um estágio a ser superado, nem da relação específica com a imagem do espelho, mas sim de uma experiência primordial, constitutiva do ser humano e estrutural, mais próxima da ideia de “matriz”, conforme o termo de Simanke (2002, p. 316), ou de “paradigma”, de acordo com Silveira (2005, p. 115). Isso fica mais evidente alguns anos depois, no *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*, quando Lacan (1975/1986, p. 96), após conceder uma espécie de definição – “É sobre isso que insisto na minha teoria do estágio do espelho – a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real”, complementa, sobre tal antecipação imaginária: “É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – *dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia*” (Lacan, 1975/1986, p. 96, grifos meus).

Já vimos que o narcisismo primário freudiano também pode ser lido como momento primordial que marca a ontogênese, na medida em que, apesar de ter de ser superado, continua funcionando como base do funcionamento psíquico. Seria um anacronismo supor que, ao entender o narcisismo primário em Freud mais como estrutura do que como fase passageira do desenvolvimento, está em pauta a noção de estrutura no sentido que ela vem a assumir na teoria lacaniana, tributária dos pressupostos lévi-straussianos. Não se trata de cometer esse abuso, mas sim de reconhecer que a concepção lacaniana do estágio do espelho “como uma espécie de estrutura permanente da subjetividade” (Silveira, 2005, p. 115), a partir da qual se pode dizer que “o eu (*moi*) humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária” (Lacan, 1975/1986, p. 137), torna explícitos elementos latentes no texto freudiano.

Ao sustentar que a insuficiência vital é compensada pela imagem totalizada do espelho, que é estranha ao infante, mas com a qual ele se identifica, “a despeito de sua ‘sensação de si’ apontar, de modo oposto, para um sentimento de ausência de organização

corporal e de fragmentação” (Silveira, 2005, p. 125), Lacan enfatiza algo que pode ser entrevisto na concepção de narcisismo primário em Freud: o investimento libidinal do Eu enquanto objeto total e o estado beatífico a ele associado têm como substrato a condição biológica e psíquica com a qual o bebê vem ao mundo, a saber, de desamparo e de incapacidade de satisfazer suas próprias urgências. Isso significa que essa situação psíquica não é possível no solipsismo, na medida em que o bebê desvalido precisa de um outro que o ampare, cuja presença é imprescindível para possibilitar a impressão de bastar a si mesmo desfrutada no narcisismo primário que, em última instância, só pode ser ilusória.

A formação de ideal: ser de novo aquilo que, no limite, nunca foi possível ser

De volta ao texto freudiano, é preciso reconhecer que a ilusão de completude correlata ao narcisismo implica consequências significativas para o indivíduo, uma vez que este enfrenta uma forte resistência em abandonar tal condição infantil, procurando formas variadas de restabelecê-la, como já foi mencionado. A mais proeminente delas, que, no entanto, não foi elencada antes porque merece um destaque especial, consiste na “formação de ideal” (*Idealbildung*). A própria “estrutura do Eu” (*Struktur des Ichs*) (Freud, 1914/1992, p. 94) é alterada no empenho em desfrutar novamente daquele estado. Freud chega a tais formulações quando se pergunta sobre o que deve ter acontecido com a libido narcísica no adulto normal, que foi obrigado a deixar para trás a plenitude do narcisismo primário. Já sabemos que uma parcela de libido do Eu persiste durante toda a vida, independentemente dos investimentos de objeto emitidos, mas ainda na *Introdução ao narcisismo* o autor explica que essa energia sexual se destina à formação de ideal no interior do Eu.

Conforme as concepções freudianas, as pulsões sexuais “sucumbem ao destino do recalque¹⁰ patogênico, quando entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo”, uma vez que esse tipo de defesa “parte do Eu; podemos precisar: do respeito do Eu por si mesmo” (Freud, 1914/1992, p. 90). A questão que se coloca é: por que certos conteúdos podem ser aceitáveis para uma pessoa e permanecerem conscientes sem que isso cause incômodo a ela, porém são inaceitáveis para outra, convocando o processo do recalque? Para tal pergunta, Freud (1914/1992, p. 90) encontra a seguinte resposta: “A formação do ideal seria, da parte do Eu, a condição do recalque”, já que, a depender do ideal com o qual o Eu é comparado, determinadas vivências serão toleráveis para uns e intoleráveis para outros. Esse ideal, por sua vez, depende inteiramente do narcisismo primário:

¹⁰ Na edição em espanhol, *repressão* é o termo utilizado para traduzir *Verdrängung*; aqui, optei por *recalque*. Sem adentrar nos pormenores desse complexo debate, cabe apenas indicar que a escolha foi feita com base em algumas observações de Hanns (1996, p. 358): “Na prática dos falantes de português, ‘recalque’ é quase como se fosse um termo cunhado exclusivamente para uso da psicanálise”, ao passo que repressão pode carregar significados adicionais que não estão presentes no termo em alemão, como a ideia de “esmagar, oprimir, impedir de se manifestar”, relativa ao contexto de rebeliões populares, por exemplo.

A esse Eu ideal (*Idealich*) se dirige agora o amor de si mesmo, do qual na infância gozou o Eu real (*wirkliche Ich*). O narcisismo aparece deslocado a este novo Eu ideal (*ideale Ich*) que, como o infantil, se encontra em posse de todas as perfeições valiosas. Aqui, como sempre ocorre no âmbito da libido, o indivíduo se mostrou incapaz de renunciar à satisfação da qual gozou uma vez. Não quer privar-se da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por advertências durante a época de seu desenvolvimento e despertado em seu juízo, procura ganhá-la novamente na nova forma do ideal do Eu (*Ichideal*). O que projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal. (Freud, 1914/1992, p. 91).

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que parto da coincidência entre os termos Eu ideal (*Idealich*) e ideal do Eu (*Ichideal*) e os utilizo de forma intercambiável. Não suponho que haja uma diferenciação conceitual entre eles no texto freudiano, ponto em relação ao qual endosso Laplanche e Pontalis (1967/1970) e Chasseguet-Smirgel (1975/2003). Via de regra, a opção freudiana para se referir à formação de um ideal no interior do Eu depois de 1914 e antes da formulação do Supereu é por “ideal do Eu”, embora seja possível encontrar poucas referências posteriores ao vocábulo *Ideal-Ich*, separado por hífen, que pode ser traduzido por “Eu ideal”. Há, por exemplo, uma menção na *Conferência 26*, na ocasião em que Freud (1917c/1991, p. 390) escreve que o *Ideal-Ich* seria uma “criação” feita com a meta de restaurar a satisfação relacionada ao narcisismo primário. Nesse sentido, ambos os termos remetem à formação de ideal, cujos aspectos fundamentais são o de ser uma herança do narcisismo e implicar uma alteração no interior do próprio Eu, uma mudança em sua estrutura, que resulta na existência de partes específicas que se relacionam entre si. Como afirma Chasseguet-Smirgel (1975/2003, p. 271), quaisquer que sejam os caminhos ou modos de reconquistar o narcisismo perdido, “em todos os casos estamos na presença do narcisismo e de seus destinos”.

Isso não significa que a proposta de separar os conceitos de Eu ideal e ideal do Eu, feita depois de Freud, seja irrelevante. Nunberg, Lagache e Lacan são os nomes citados no verbete sobre o *Idealich* do *Vocabulário de psicanálise*, os quais, a despeito de suas diferentes interpretações, “estão de acordo, quer quanto à afirmação de que há interesse em especificar na teoria psicanalítica a formação inconsciente do ego ideal, quer em colocar em primeiro plano o caráter narcísico dessa formação” (Laplanche e Pontalis, 1967/1970, p. 191). Os franceses ainda destacam que esse encaminhamento teria a ver com a ideia exposta, presente no texto freudiano, de que a formação das instâncias ideais provém do “processo de idealização pelo qual o indivíduo toma como objetivo reconquistar o chamado estado de onipotência do narcisismo infantil” (Laplanche & Pontalis, 1967/1970, p. 191). Nesse sentido, para esses autores, o Eu ideal, especificamente, traria a marca do narcisismo primário e infantil, diferentemente do ideal do Eu – e da instância psíquica posteriormente apresentada por Freud, o Supereu.

Embora essa diferenciação não tenha sido adotada aqui, é preciso levar em conta que há ainda outra instância psíquica especial, esta sim notadamente separada do Eu ideal ou ideal do Eu por Freud, cuja tarefa consiste em assegurar a satisfação narcísica a partir de seu cumprimento. O delírio de observação dos paranoicos, atormentados por vozes que conhecem todos os seus pensamentos e atos, revelaria uma “verdade”, já que existe, em todos nós, uma instância censuradora, a “consciência moral” (*Gewissen*), à qual caberia a função de observar, comparar e criticar o Eu atual (*aktuelles Ich*) em relação ao ideal, com o propósito de restaurar a satisfação consigo mesmo, que era natural do narcisismo infantil (Freud, 1917c/1991, p. 389-390). O sintoma da paranoia ainda traz à tona a gênese da formação de ideal e da instância crítica a ela associada. Ao atribuir a censura às vozes que vêm de fora, explicita que a consciência moral consiste em uma “encarnação” (*Verkörperung*) das críticas do outro, assim como o próprio ideal se compõe a partir da alteridade. A “incitação” (*Anregung*) para formá-los provém da crítica dos pais, à qual se somaram, depois, a influência dos educadores, das pessoas próximas e da opinião pública (Freud, 1914/1992, p. 92), que podem ser considerados os substitutos daqueles na educação da criança. O mecanismo em jogo nesse processo é o da identificação com determinadas “pessoas modelo” (*vorbildliche Personen*) (Freud, 1917c/1991, p. 390), o que explica, também, porque cada indivíduo possui uma régua particular para medir quais impulsos serão ou não submetidos ao recalque.

É como se houvesse uma origem dupla da formação de ideal, já que é “herdeira do narcisismo original” (Freud, 1921/2014, p. 107), na tentativa de desfrutar, mais uma vez, da perfeição narcísica infantil e, simultaneamente, um agregado proveniente das identificações com os pais e seus substitutos. Isso não parece incongruente, se nos lembrarmos que a presença dos primeiros modelos, o daqueles que cumprem as funções materna e paterna, é pressuposto no estado narcísico primordial, devido ao desamparo do ser humano, e que a identificação remete ao primeiro modo por meio do qual o indivíduo é capaz de distinguir o objeto – o mais elementar, ambivalente por ansiar a incorporação deste (Freud, 1917b/2016). Há uma espécie de sobreposição entre aquelas duas fontes da formação de ideal, de forma que buscar recuperar a perfeição narcísica da infância implica a tentativa de retornar a um estado em que o Eu foi seu próprio ideal, mas no qual é necessário incluir a presença do outro. É o processo de identificação estabelecido entre a criança e seus cuidadores que torna isso possível, posto que se trata da forma mais rudimentar de relação com o objeto externo.

De todo modo, ainda que corresponder aos modelos erigidos resulte em satisfação narcísica, não parece que a equivalência em relação ao modelo seja o objetivo final do cumprimento do ideal, *tout court*. Estou de acordo com Chasseguet-Smirgel (1975/2003), que chama a atenção para o risco de reduzir o ideal do Eu à condição de modelo que o sujeito quer alcançar, uma vez que isso significa se esquecer de que o ideal é o substituto

do narcisismo perdido da infância. Ela entende que o propósito de corresponder aos modelos eleitos, estes que são portadores do próprio narcisismo, é secundário em relação ao “movimento profundo que anima o sujeito – do desejo de preencher a falha entre o eu tal como é e tal como queria ser (o que se refere sempre, em última análise, ao momento em que ele ‘foi seu próprio ideal’)” (Chasseguet-Smirgel, 1975/2003, p. 27).

Novamente com Freud, há um movimento de substituição do próprio narcisismo infantil, diante da impossibilidade de mantê-lo, pela “veneração (*Verehrung*) de um elevado ideal do eu” (Freud, 1914/1992, p. 91). Para o autor, o “sentimento de si” (*Selbstgefühl*) é a expressão da “grandeza do Eu (*Ichgröße*)” e compõe-se a partir de três fatores, todos dependentes da libido narcísica: “Uma parte do sentimento de si é primária, o resto do narcisismo infantil; outra parte deriva da onipotência confirmada pela experiência (o cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetal [ser amado]” (Freud, 1914/1992, p. 97). Quanto ao segundo fator, a satisfação narcísica tem como condição a correspondência do Eu atual com o Eu ideal ou ideal do Eu, que não parece simples de conquistar. As exigências impostas pelo ideal podem ser muito difíceis de alcançar, a depender do quão elevado ele é. Geralmente, quando o Eu passa a se regular pela tentativa de fazer jus ao ideal, acaba por abusar do recalque e contribuir decisivamente para a intensificação da neurose, ainda que a sublimação também seja uma via para alcançar o ideal, por meio do desvio da meta sexual, sem acarretar em consequências danosas ao psiquismo. Freud (1914/1992, p. 92) sintetiza: “Como vimos, a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o mais forte favorecedor do recalque; a sublimação representa a saída que pode cumprir a exigência, sem causar o recalque”.

A partir desse quadro, pode-se depreender que a formação de ideal tem o poder de recuperar a satisfação narcísica e aumentar o sentimento de si e, ao mesmo tempo, a capacidade de degradar e diminuir o Eu, que se vê censurado pela consciência moral por não ser capaz de corresponder ao que se espera dele – fonte de prazer e de sofrimento, por assim dizer. O pai da psicanálise entende que o Eu se coloca como um objeto diante do ideal do Eu desenvolvido a partir dele e “que possivelmente todas as ações recíprocas entre o objeto externo e a totalidade do Eu (*Gesamt-Ich*) que ficamos conhecendo na teoria das neuroses se repitam nesse novo cenário no interior do Eu” (Freud, 1921/2014, p. 142). Para o autor, as coisas se passam da seguinte forma: “Resulta sempre uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu. O sentimento de culpa (e o sentimento de inferioridade) também pode ser compreendido como expressão da tensão entre o Eu e o ideal” (Freud, 1921/2014, p. 145). Não é à toa que existem suspensões temporárias do ideal, como nas festas em que as transgressões são permitidas e o Eu volta a se contentar com ele mesmo. Ou ainda no estado de mania, que pode suceder o estado de melancolia e consiste, justamente, em uma coincidência entre Eu e ideal do Eu, com a consequente trégua das

autocríticas e autodepreciações levadas a cabo pela consciência moral, que tanto massacram o melancólico. Talvez as palavras de Soler (2001) sejam ainda mais precisas a respeito dessa duplicidade do ideal do Eu. Por um lado, a autora comenta o quanto ele pode ser esmagador, produzir um sentimento penoso e de impotência, na medida em que o Eu se vê diante da diferença, que pode ser exorbitante, entre o que queria ser e o que realmente é; por outro lado, chama a atenção para o sentimento de orgulho que o sujeito pode sentir em relação a seus ideais – “isto alimenta sua autoestima” (Soler, 2001, p. 100) –, o que permite a Freud conceber um deslocamento do narcisismo primário em direção à formação de ideal.

Mais uma vez, vemos que, no limite, o que está em jogo na formação de ideal é a recuperação da suposta perfeição narcísica infantil, segundo a qual o Eu era seu próprio ideal, o que é buscado por meio do nivelamento em relação aos modelos com os quais cada um se identificou. Entretanto, levando em conta que aquela perfeição é ilusória, conforme procurou-se demonstrar por meio dos textos freudianos e salientar com a interpretação lacaniana, temos o seguinte problema: como reconquistar o “paraíso perdido” do narcisismo primário, para usar as palavras de Chasseguet-Smirgel (1975/2003, p. 49), se este é, de saída, marcado pela impossibilidade, por seu aspecto ilusório, falacioso, que recobre a vivência de desamparo biológico e psíquico? Se nos lembrarmos do quanto o ideal pode adquirir aquela característica esmagadora e intensificar o sentimento de inferioridade do Eu, a ponto de torná-lo impotente diante de exigências inalcançáveis, concluímos que esse é um problema de relevância não apenas teórica, mas também clínica. Se a própria perfeição e a completude do narcisismo infantil não podem ser senão aparentes, dados os limites impostos pelo desamparo, como supor que criar o ideal e nivelar-se a ele trará a satisfação narcísica almejada?

O tratamento psicanalítico e o rebaixamento do ideal

Se a vivência de desamparo é levada às últimas consequências, abre-se a possibilidade de desmitificar tanto a completude do narcisismo infantil quanto a promessa de recuperá-la por meio do ideal. Olhar para esse fator ilusório do narcisismo primário já seria uma razão suficiente para que a técnica psicanalítica concebida por Freud se orientasse no sentido de apontar para os engodos da formação de ideal. Com efeito, parece ser essa a direção geral subjacente aos escritos do autor sobre a psicanálise enquanto método de tratamento, ainda que as discussões sobre a técnica psicanalítica devam ter em vista a ressalva de que cada caso traz sua especificidade. Como nosso autor adverte, há uma ampla diversidade e plasticidade de processos anímicos que vão na direção contrária da “mecanização da técnica”, o que não impede, contudo, “que se estabeleça para o médico uma conduta medianamente adequada” (Freud, 1913/1991, p. 125).

Isso posto, antes de adentrar nos escritos freudianos, partirei do comentário de Loureiro (2002), já que ela tangencia a temática do trabalho terapêutico e sua relação com certa limitação do ideal, quando se propõe a sustentar a tese geral de seu livro, a saber, a de que o pensamento freudiano opera um desvio ou uma inflexão em relação ao que ela circunscreve como “estilo romântico”. Isso porque “a teoria freudiana prima pela ausência de aspiração à unidade, à completude ou à transcendência, e carece de qualquer intuito de reencantar o mundo” (Loureiro, 2002, p. 248) – características que compõem o núcleo da tradição romântica, segundo a autora. A certa altura de seu texto, ela mostra como o alcance terapêutico do processo analítico, para Freud, vai na direção contrária da noção de *Bildung*, tão cara aos românticos, traduzida por ela como “formação” ou “autocultivo”. Esta, marcada pelo “ideal de *perfectibilidade*”, pela possibilidade do “cultivo de si”, no qual “totalidade e interioridade são perpassados pelo ideal de *aperfeiçoamento*” (Loureiro, 2002, p. 321, grifos da autora), seria oposta àquele:

O certo é que perfeição e totalização estão longe de ser prêmios acessíveis aos que se deitam no divã – *tout au contraire*. O célebre imperativo de “aceitar a castração” bem poderia ser traduzido como renúncia a tais ideais e, nesta medida, abdicar deles é um requisito indispensável para uma análise bem-sucedida. (Loureiro, 2002, p. 326).

Trata-se, antes, de um “*processo de progressivo despojamento*” (Loureiro, 2002, p. 327, grifos da autora) em curso na terapia psicanalítica, como mostram alguns escritos de Freud citados de passagem pela autora. Dois deles merecem ser revisitados. O primeiro consiste em uma carta enviada a Ferenczi em janeiro de 1910, na qual Freud ilustra o processo analítico por meio da referência a um interessante conto dos irmãos Grimm: “Nosso ganho terapêutico é um ganho substitutivo, similar ao que *Hans im Glück* faz. A última parte não cai dentro da fonte até a morte” (Freud, 1993, p. 123). Esse conto, cujo título em português costuma ser traduzido como *João, o felizardo*, retrata a história de um personagem que, depois de trabalhar durante anos para o mesmo patrão, decide voltar para a casa da mãe e recebe uma grossa barra de ouro como recompensa pelos seus serviços. No decorrer do caminho, ele faz sucessivas trocas que não parecem vantajosas do ponto de vista financeiro – ouro por cavalo, cavalo por vaca e assim por diante –, mas que sempre o deixam feliz e aliviado. Na última troca, ele adquire pedras para exercer o ofício de amolador, mas quando pausa para descansar e se refrescar em uma fonte, deixa as pedras na margem, que acabam rolando para dentro da água. O conto se encerra com João grato por livrar-se de mais aquele peso, seguindo de mãos vazias até o seu destino (Grimm, 2018).

O segundo texto indicado por Loureiro (2002) e que merece atenção é *Sobre psicoterapia*, publicado em 1905, no qual Freud diferencia a técnica analítica da técnica de sugestão hipnótica por meio da oposição sugerida por Leonardo da Vinci em relação às

artes. A pintura trabalha “*per via di porre*”, visto que “sobre a tela em branco deposita pequenos montes de cores onde antes não estavam”, enquanto a escultura opera “*per via di levare*”, uma vez que “ela tira da pedra tudo o que cobre a superfície da estátua nela contida” (Freud, 1905b/1992, p. 250). A sugestão, tal como a pintura, busca acrescentar algo para impedir que os sintomas continuem se manifestando, ao passo que a terapia analítica não tem o objetivo de introduzir algo novo, mas sim de extrair, afinal o que interessa a ela é remover o sintoma por meio da investigação de sua gênese. Como aponta Loureiro (2002, p. 237), em ambas as analogias – com o conto dos irmãos Grimm e com os estilos artísticos –, tem-se um “elogio da dissipação/despojamento em detrimento do acúmulo/retenção”, no sentido de uma “admissão efetiva (intelectual e emocional) da imperfeição e incompletude” que estaria presente no pensamento freudiano.

Observa-se que a autora encontra os indícios para tal “despojamento” em textos freudianos bem anteriores à hipótese do narcisismo e da formação de ideal ligada a ele. No entanto, se avançamos para o período posterior a essas construções teóricas, notamos tanto indicações gerais de que a própria psicanálise não é uma “terapia ideal” (Freud, 1917d/1991, p. 409) e de que não cabe ao analista impor seus “ideais pessoais” ao paciente e tentar modelá-lo a partir deles (Freud, 1923b/1992, p. 247) quanto fundamentos para sustentar que Freud não parece endossar a busca pelo cumprimento do ideal do Eu do próprio analisando no tratamento psicanalítico. A tendência parece ser mais a de um rebaixamento do ideal do Eu do que a de sua elevação como promessa de satisfação narcísica. Para justificar, será preciso explorar mais algumas concepções freudianas sobre o tratamento analítico, a começar pela *Conferência 28*, na qual Freud (1917d/1991, p. 413) diz que “O neurótico é incapaz de gozar e de produzir {render} (*genuß- und leistungsunfähig*); do primeiro, porque sua libido não está dirigida a nenhum objeto real, e do segundo, porque tem que gastar uma grande quantidade de sua energia restante para manter sua libido no recalque e se defender de seu ataque”.

Para o autor, os sintomas são resultado do conflito entre o Eu e a libido, e a tarefa terapêutica consiste em liberar o montante de libido afastado do Eu pelo recalque e colocá-lo, justamente, a serviço daquela instância, a fim de devolver ao indivíduo pelo menos uma parcela daquela capacidade de gozar, produzir ou realizar que estava prejudicada. O analisando retorna ao conflito que originou seus sintomas na transferência, situação na qual ele pode rever recalques então empreendidos e criar um desfecho diferente, já que esse tipo de defesa causa limitações à vida anímica, precisamente porque a libido se subtrai ao Eu em direção ao inconsciente. Tudo isso contando com a intervenção do analista e com a sua capacidade de analisar as resistências que mantêm os recalques atuantes. O ponto que mais me interessa, no entanto, é a explicação freudiana acerca de determinadas dificuldades envolvidas nessa empreitada:

Os poderes contra os quais se lutou durante este trabalho terapêutico são, por um lado, a aversão (*Abneigung*) do Eu a certas orientações da libido, que se exteriorizou como inclinação ao recalque (*Verdrängungsneigung*), e, por outro lado, a tenacidade ou viscosidade da libido, que não quer abandonar os objetos uma vez investidos. (Freud, 1917d/1991, p. 414).

Se levarmos em conta que, a essa altura, Freud já tinha clareza sobre a formação de ideal ser a condição para o recalque – como vimos na passagem pelo artigo de 1914 –, não é difícil localizar o ideal do Eu como pano de fundo dessa “aversão” do Eu em relação à libido. As exigências que ele impõe ao Eu, entre as quais encontra-se, sobretudo, o imperativo de não ceder aos impulsos da sexualidade, são as responsáveis por incitar o recalque, o que posiciona a formação de ideal como força que se opõe ao tratamento analítico. Se a meta deste é evitar os recalques, isso significa que os requerimentos impostos ao Eu também não podem ser exagerados, o que nos reconduz à ideia de que o rebaixamento do ideal do Eu possa ser situado como uma das diretrizes de uma psicanálise.

Ainda que Freud não tivesse formulado a noção de ideal do Eu/Eu ideal no período em que escreveu *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, já que o texto é de 1908, nele já está presente a noção de que os requisitos (*Anforderungen*) da moral sexual cultural, que são considerados requisitos “ideais” pelo autor, conduzem os indivíduos ao adoecimento psíquico. Ele entende que existe um limite para além do qual a maioria de nós não é capaz de obedecer a tais preceitos da cultura e indica o afrouxamento das exigências que a pessoa tenta impor a si mesma como uma saída possível para esse resultado patológico: “Todos os que querem ser mais nobres do que sua constituição lhes permite sucumbem à neurose; *eles teriam se sentido melhor, se lhes fosse possível ser piores*” (Freud, 1908/1992, p. 171, grifos meus). Uma indicação como essa pode ser valiosa se transportada para o contexto da formação do ideal do Eu e sua posição em uma terapia psicanalítica: quanto mais elevadas as demandas que o ideal do Eu impõe ao Eu, mais recalque e mais neurose, de modo que rebaixar a formação de ideal possa ser um dos aspectos que leve à diminuição do recalque e, conseqüentemente, ao alívio dos sintomas neuróticos.

De volta à *Conferência 28*, quanto à tenacidade ou viscosidade da libido a ser combatida, no limite, ela também pode ser relacionada a um enfrentamento do ideal do Eu; afinal, o que seria este senão um exemplo privilegiado de como a libido pode ser reticente? Sabemos que consiste na tentativa de continuar desfrutando da satisfação narcísica infantil, posição libidinal já abandonada que se tenta recuperar a todo custo. Posição que, além de tudo, sabemos ser ilusória, após o percurso aqui realizado. Isso nos reconduz ao problema central circunscrito neste artigo: como supor que moldar o Eu de acordo com os contornos do ideal do Eu garantirá a satisfação narcísica almejada se a própria situação psíquica que se deseja reproduzir não passou de uma ilusão? Diante da imagem do neurótico que erige em seu próprio Eu um ideal do Eu, com a intenção de corresponder

a suas imposições e recuperar a perfeição narcísica que seu Eu infantil desfrutava; diante desse indivíduo cujo Eu se torna obediente a esse ideal, a ponto de empreender quantos recalques forem necessários para nivelar-se a ele, para desfrutar daquela posição que a libido reluta em abandonar; a psicanálise, enquanto terapia, não pode deixar de se dirigir para o rebaixamento desse ideal do Eu, a fim de evitar que a pessoa se torne refém daquilo que se sabe ser irrealizável, por fundar-se sobre uma condição ilusória de autossuficiência ligada ao narcisismo infantil. Talvez Kehl (1987) possa ajudar a compreender isso, já que entende a psicanálise em geral como uma prática da desilusão, e uma das razões para isso é que tal prática aponta para a perda da suposta onipotência infantil. É inviável conservar o estado de narcisismo primário porque as imposições da realidade se fazem ouvir, mas também porque esse estado é, de saída, ilusório e falacioso, de modo que à técnica psicanalítica que se pauta na teoria freudiana não seja possível assumir outra direção que não a do rebaixamento do ideal do Eu.

Em contrapartida, isso não significa que o processo terapêutico deva promover a dissolução do ideal do Eu do analisando, que seja preciso se desfazer dele. As justificativas também podem ser localizadas na letra de Freud. Começemos pelas consequências admitidas pelo autor diante do não desenvolvimento do ideal do Eu, já em *Introdução ao narcisismo*. Depois de comentar que o ideal do Eu dificulta a satisfação da libido nos objetos, já que a consciência moral rejeita parte dela como inconciliável com as suas exigências, o autor acrescenta: “Onde um tal ideal não se desenvolveu, a aspiração sexual em questão entra (*eintreten*) inalterada na personalidade como perversão. Ser de novo, como na infância, seu próprio ideal, também a respeito das aspirações sexuais – eis o que as pessoas querem alcançar como sua felicidade” (Freud, 1914/1992, p. 97).

O perverso, por não erigir dentro de si o ideal do Eu e, conseqüentemente, a instância responsável por garanti-lo, é capaz de seguir com a disposição inicial do amor de si mesmo, em que o Eu atual ou real é seu próprio ideal, e com as atividades sexuais próprias da sexualidade infantil, enquanto os demais indivíduos, entre eles os neuróticos, têm de obedecer às exigências das instâncias ideais e mobilizam o recalque para fazê-lo. Essa parece ser uma das expressões da máxima de que a neurose seria “o *negativo da perversão*” (Freud, 1905a/1992, p. 150, grifos do autor) – já que seus sintomas consistem no recalque de pulsões perversas –, esclarecida por Laplanche e Pontalis (1967/1970, p. 435): “o que redundava em fazer da perversão a manifestação bruta, não recalçada, da sexualidade infantil”. Por conseguinte, supor que o processo psicanalítico buscava dissolver totalmente o ideal do Eu poderia levar à conclusão de que se trata de encaminhar o neurótico para um destino próximo ao da perversão, para que ele enfim volte a ser seu próprio ideal, o que não encontra nenhum respaldo nas concepções freudianas sobre a meta de um tratamento. Já foi exposto que o objetivo deste, de modo geral, consiste

em recuperar “um pouco (*ein Stück*) da capacidade de produzir e de gozar” do paciente (Freud, 1912/1991, p. 118, grifos meus), que não é “orientado a ‘gozar da vida’” e tampouco a obedecer plenamente à “moralidade geral” (Freud, 1917e/1991, p. 393). Além disso, ainda que os perversos sejam vistos como capazes de satisfações, em ato, das fantasias que os neuróticos preservam no inconsciente, o fato é que Freud (1927b/1992; 1940/1991) mostrará, em textos posteriores, que os primeiros recorrem a modalidades de defesa tão complexas quanto o recalque – a saída neurótica por excelência – como a recusa (*Verleugnung*) e a cisão (*Spaltung*) do Eu, que impõem graves restrições à vida psíquica.

Cabe acrescentar que se aquela satisfação do narcisismo primário, que parecia ser completa e total, tivesse persistido para a criança – o que significa que esta nunca deixaria de ser seu próprio ideal e também não teria motivos para desenvolver o ideal do Eu –, ela “não só nunca haveria se desprendido dela [...], mas também nunca haveria adquirido nem a diferenciação entre as instâncias, nem as funções do eu”, conforme aponta Chasseguet-Smirgel (1975/2003, p. 54). Sem a frustração, não teria se imposto o princípio de realidade e todo o desenvolvimento psíquico que o segue. A partir disso, a autora aposta na perspectiva do ideal do Eu como projeto, levando a sério a indicação de Freud, fornecida no artigo de 1914, de que se trata da projeção, diante de si, do narcisismo perdido da infância: “O que nos impulsiona adiante é a nostalgia de nosso passado glorioso (do tempo em que éramos nosso próprio ideal)” (Chasseguet-Smirgel, 1975/2003, p. 48). Em outros termos, ela entende que o ideal do Eu significa uma “operação de resgate” do narcisismo, no sentido de “uma esperança, uma promessa, um guia” (Chasseguet-Smirgel, 1975/2003, p. 206) que movimenta o indivíduo adiante, ainda que com o propósito de reconquistar aquela suposta perfeição perdida.

Além disso, o ideal do Eu pode ser entendido como fator que impele o indivíduo adiante, se lembrarmos que ele é a condição para o recalque e recuperarmos o papel que Freud concede ao último no sentido de não ser apenas uma defesa limitante da vida psíquica, mas também a responsável por manter a força das pulsões em busca de sua satisfação. Algumas indicações fornecidas pelo autor em *Além do princípio de prazer* legitimam essas constatações; mais precisamente, a ocasião em que ele defende que não há nenhuma “pulsão de aperfeiçoamento” (*Trieb zur Vervollkommnung*), nenhuma tendência interna ao progresso no ser humano, visto que tal impressão não passa de um efeito que o recalque das pulsões tem sobre o funcionamento anímico: “A pulsão recalçada não desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação” (Freud, 1920/2020, p. 147). A impressão de que há um “fator pulsionante” (*treibendes Moment*) que impele o indivíduo para frente decorre, na verdade, “da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido” (Freud, 1920/2020, p. 147) – já que não é possível encontrar aquela satisfação completa buscada, que implicaria em voltar para trás, segue-se adiante, por meio das formações substitutivas

e sublimações, que possibilitam apenas satisfações parciais. Tal como na história do personagem *João, o felizardo*, há sucessivas trocas em jogo na satisfação pulsional, mas nunca renúncia, já que esta só acontece na morte; trocas que implicam perdas, mas possibilitam que o caminho continue a ser percorrido.

Como afirma Kehl (1987, parágrafo 45), “É dessa brecha entre tudo o que se quer e aquilo que se pode que nascem as possibilidades de movimento do desejo, movimento que não cessa enquanto a vida não cessa”. Esse movimento, por sua vez, depende desse intervalo – “o que não encontro aqui, vou buscar noutra lugar; se não encontro o absoluto, sigo perseguindo tudo o que se aproxima das minhas representações de perfeição” –, conforme continua a autora, nesse mesmo parágrafo. Se ser de novo, como na infância, o próprio ideal é uma busca fadada ao fracasso, visto que nem no narcisismo infantil o Eu desfrutava da completude suposta; se limitar-se diante da grandeza do ideal do Eu e das tentativas árduas de fazer com que o Eu corresponda a ele só pode ser igualmente frustrante; talvez reste como direção possível do tratamento analítico, em vez de incitar o analisando a abrir mão do ideal do Eu, operar no sentido de que este seja posicionado naquele lugar de projeto ou horizonte, para que o indivíduo possa usufruir da capacidade dessa formação psíquica de movimentá-lo adiante.

Tal incursão pela técnica tem mais um caráter de ensaio do que de síntese, pautado no retorno aos textos freudianos e na aposta de que revisitá-los é sempre fecundo. Com isso, encerro este percurso com a expectativa de que a seguinte paráfrase de uma das fórmulas de Lacan (2005/2007, p. 132, grifos meus) sobre o Nome-do-Pai, deslocada para o problema do ideal, possa ser um convite para futuras reflexões: “[...] a psicanálise, ao ser bem-sucedida, prova que podemos prescindir da formação de ideal no Eu. Podemos sobretudo prescindir com a condição de nos servirmos dela”.

Referências

- Bocchi, J., & Simanke, R. T. (2012). A concepção do objeto na psicanálise freudiana: da mônada narcísica à escolha do objeto amoroso. In R. T. Simanke & F. V. Bocca (Orgs.). *Psicanálise em perspectiva III* (pp. 113-128). Curitiba: Editora CRV.
- Chasseguet-Smirgel, J. (2003). *El ideal del yo: ensayo psicoanalítico sobre la “enfermedad de idealidad”*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1975).
- Denis, P. (2012). *Le narcissisme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Florence, J. (1984). Le complexe d’Oedipe et les “institutions” du moi. In J. Florence. *L’identification dans la théorie freudienne*. Nouvelle édition [en ligne]. Bruxelles: Presses de l’Université Saint-Louis. Recuperado em 12 agosto, 2020, de <https://books.openedition.org/pusl/449#ftn6>.

- Freud, S. (1940-1952). *Der Gesammelten Werke von Sigmund Freud* (18 Bände). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.
- Freud, S. (2003). Projeto de uma Psicologia. In O. F. Gabbi Jr. *Notas a Projeto de uma Psicologia. As origens utilitaristas da psicanálise* (pp. 171-260). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1992). Tres ensayos de teoría sexual. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1905a).
- Freud, S. (1992). Sobre psicoterapia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1905b).
- Freud, S. (1992). La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (1991). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 11). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1911a).
- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1911b).
- Freud, S. (1991). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1991). Sobre la iniciación del tratamiento. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (1992). Introducción del narcisismo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1992). Una dificultad del psicoanálisis. In: Freud, S. *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1917a).
- Freud, S. (2016). Luto e melancolia. In S. Freud, S. *Obras incompletas – Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1917b).
- Freud, S. (1991). 26ª Conferencia de introducción al psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1917c).
- Freud, S. (1991). 28ª Conferencia de introducción al psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1917d).
- Freud, S. (1991). 27ª Conferencia de introducción al psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1917e).
- Freud, S. (1992). Prólogo a Theodor Reik, *Probleme der Religionspsychologie*. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1919).

- Freud, S. (2020). Além do princípio de prazer. In S. Freud. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2014). *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM. (Obra original publicada em 1921).
- Freud, S. (1992). El yo y el ello. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1923a).
- Freud, S. (1992). Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1923b).
- Freud, S. (1992). Presentación autobiográfica. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1992). Inhibición, síntoma y angustia. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (1992). El porvenir de una ilusión. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1927a).
- Freud, S. (1992). Fetichismo. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1927b).
- Freud, S. (1991). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (1991). Esquema del psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1940).
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1993). *The Correspondence of Sigmund Freud and Sandor Ferenczi* (Vol. 1, 1908-1914). Cambridge: Harvard University Press.
- Green, A. (1982). *Discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Obra original publicada em 1973).
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta. (Obra original publicada em 1982).
- Grimm, W. K., & Grimm, J. L. K. (2018). João, o felizardo. In L. Sandroni (Org.). *Os 77 melhores contos de Grimm*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (1987). A psicanálise e o domínio das paixões. In A. Novaes (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras. Recuperado em 20 janeiro, 2021, de <https://artepensamento.com.br/item/a-psicanalise-e-o-dominio-das-paixoes/>.
- Lacan, J. (1986). *O Seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)* (3a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1975).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).

- Lacan, J. (2007). *O Seminário: livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 2005).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Loureiro, I. R. B. (2002). *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta: Fapesp.
- Monzani, L. R. (2005). O suplemento e o excesso. In L. Fulgencio & R. T, Simanke (Orgs.). *Freud na filosofia brasileira* (pp. 125-133). São Paulo: Escuta.
- Moura, C. E. de. (2019). Desamparo e Eros na concepção do “homem civilizado” em Freud. *Discurso*, 49(1), 115-125. Recuperado em 23 janeiro, 2021, de <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/159288/154178>.
- Silveira, L. (2005). Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 17(1), 113-127. Recuperado em 20 dezembro, 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a09.pdf>.
- Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso editorial; Curitiba: Editora UFPR.
- Soler, C. (2001). *Declinaciones de la angustia. Curso 2000-2001*. Collège Clinique de Paris. Recuperado em 30 janeiro, 2021, de https://www.academia.edu/5512527/Colette_Soler_Declinaciones_de_la_Angustia_Ed_Francis_Anciburre.
- Widlöcher, D. (1986). Introduction au concept de narcissisme. *Bulletin de la Société française du Rorschach et des méthodes projectives*, 33, 5-13. Recuperado em 26 agosto, 2019, de https://www.persee.fr/doc/clini_0373-6261_1986_num_33_1_1444.

Resumo

Com base na pesquisa bibliográfica da obra de Freud, principalmente, mas também de textos de alguns de seus comentadores e de autores pós-freudianos, discutirei neste artigo a questão da formação de ideal na teoria do fundador da psicanálise, a partir da investigação do narcisismo primário e sua relação com o estado de desamparo biológico e psíquico da criança. Desde o narcisismo infantil, tanto as pulsões do Eu quanto as pulsões sexuais não autoeróticas demandam objetos externos, o que requer o auxílio do outro, considerando a condição de extrema dependência experimentada pelo ser humano no início de sua vida. Essa condição revela a presença precoce da alteridade na manutenção da suposta completude desfrutada no narcisismo. Isso posto, sustentarei que a situação psíquica do Eu que se ama e se basta remete, em última instância, a uma ilusão de autossuficiência e investigarei quais as consequências dessa constatação para a formação do ideal do Eu, entendido como um substituto do narcisismo perdido da infância. No limite, tentar fazer com que o Eu corresponda ao ideal significa buscar retornar a um estado ilusório, em que haveria uma autonomia apenas aparente. Por fim, pretendo tocar no problema do tratamento psicanalítico, tal como é concebido por Freud, com a intenção de sugerir que se por um lado ele só pode assumir a direção de rebaixamento do ideal do Eu do analisando, já que o antigo estado de perfeição narcísica que se almeja alcançar por meio do ideal sequer existiu, por outro lado isso não implica uma renúncia completa ao ideal, levando em conta sua capacidade de movimentar a vida psíquica adiante.

Palavras-chave: Narcisismo primário. Desamparo. Ideal do Eu. Freud.

Between Helplessness and Perfection: Notes on Primary Narcissism and the Ideal Formation in Freud

Abstract

Based on bibliographical research on Freud's work, mainly, but also on texts by some of his commentators and post-Freudian authors, I will discuss in this article the issue of ideal formation in the theory of the founder of psychoanalysis, from the investigation of primary narcissism and its relationship with child's state of biological and psychic helplessness. Since child narcissism, both the ego drives and the non-autoerotic sexual drives demand external objects, which requires the help of the other, considering the condition of extreme dependency experienced by the human being at the beginning of his life. This condition reveals the early presence of alterity in maintaining the supposed completeness enjoyed in narcissism. That being said, I will argue that the psychic situation of the ego that loves itself and is enough for itself, ultimately refers to an illusion of self-sufficiency and will investigate the consequences of this observation for formation of the ego ideal, understood as a substitute for the lost narcissism of childhood. In the final analysis, trying to make the ego correspond to the ideal means seeking to return to an illusory state, in which there would be only apparent autonomy. Finally, I intend to touch on the problem of psychoanalytic treatment, as conceived by Freud, with the intention of suggesting that,

on the one hand, it can only take the direction of downgrading the analysand's ego ideal, since the old state of narcissistic perfection that one aims to achieve by means of the ideal did not even exist, on the other hand, this does not imply a complete renunciation of the ideal, taking into account its capacity to move psychic life forward.

Keywords: Primary narcissism. Helplessness. Ego Ideal. Freud.

Entre la désaide et la perfection: notes sur le narcissisme primaire et la formation de l'idéal chez Freud

Résumé

Fondée sur des recherches bibliographiques sur l'œuvre de Freud, surtout, mais aussi sur des textes de certains de ses commentateurs et des auteurs post-freudiens, je discuterai dans cet article la question de la formation de l'idéal dans la théorie du fondateur de la psychanalyse, à partir de l'investigation du narcissisme primaire et son rapport avec l'état de désaide biologique et psychique de l'enfant. Depuis le narcissisme infantile, tant les pulsions du moi que les pulsions sexuelles non autoérotiques réclament des objets extérieurs, ce qui requiert l'aide de l'autre, compte tenu de la condition de dépendance extrême vécue par l'être humain au début de sa vie. Cette condition révèle la présence précoce de l'altérité dans le maintien de la supposée complétude joui dans le narcissisme. Cela dit, je soutiendrai que la situation psychique du moi qui s'aime et qui se suffit réfère, en dernier ressort, à une illusion d'autosuffisance et j'étudierai les conséquences de cette observation pour la formation de l'idéal du moi, compris comme un substitut au narcissisme perdu de l'enfance. En dernière analyse, essayer de faire correspondre le moi à l'idéal signifie chercher à revenir à un état illusoire, dans lequel il n'y aurait qu'une autonomie apparente. À la fin, j'aspire à toucher le problème du traitement psychanalytique, tel que conçu par Freud, avec l'intention de suggérer que, d'une part, il ne peut prendre que le sens de rebaissement de l'idéal du moi de l'analysant, puisque l'ancien état de la perfection narcissique que l'on cherche à atteindre au moyen de l'idéal n'existait même pas, par contre, cela n'implique pas un renoncement complet à l'idéal, compte tenu de sa capacité à faire avancer la vie psychique.

Mots-clés: Narcissisme primaire. Désaide. Idéal du Moi. Freud.

Entre el desvalimiento y la perfección: notas sobre el narcisismo primario y la formación de ideal en Freud

Resumen

Con base en investigaciones bibliográficas sobre la obra de Freud, principalmente, pero también en textos de algunos de sus comentaristas y autores posfreudianos, abordaré en este artículo el tema de la formación de ideal en la teoría del fundador del psicoanálisis, a partir del análisis del narcisismo primario y su relación con el estado de desvalimiento

biológico y psíquico del niño. Desde el narcisismo infantil, tanto las pulsiones del yo como las pulsiones sexuales no autoeróticas demandan objetos externos, lo que requiere la ayuda del otro, considerando la condición de dependencia extrema que experimenta el ser humano en el comienzo de su vida. Esta condición revela la temprana presencia de la alteridad en el mantenimiento de la supuesta completud disfrutada en el narcisismo. Esto puesto, argumentaré que la situación psíquica del yo que se ama y si es suficiente, se refiere en última instancia a una ilusión de autosuficiencia e investigaré las consecuencias de esta observación para la formación del ideal del yo, entendido como un sustituto del narcisismo perdido de la infancia. En última instancia, tratar de hacer corresponder al yo con el ideal significa buscar volver a un estado ilusorio, en el que solo habría una autonomía aparente. Por último, me propongo tocar el problema del tratamiento psicoanalítico, tal como lo concibe Freud, con la intención de sugerir que, por un lado, solo puede tomar la dirección del rebajamiento del ideal del yo del analizando, ya que el antiguo estado de la perfección narcisista que se pretende alcanzar mediante el ideal ni siquiera existía, por otra parte, esto no implica una renuncia total al ideal, teniendo en cuenta su capacidad para hacer avanzar la vida psíquica.

Palabras clave: Narcisismo primario. Desvalimiento. Ideal del Yo. Freud.